

MEMÓRIAS ENQUADRADAS E TRADIÇÕES INVENTADAS NA GERAÇÃO E GESTÃO DO CAMINHO DO SOL – SÃO PAULO

Luiz Armando Capra Filho

Mestre em Memória Social e Bens Culturais – Universidade LaSalle, Canoas, RS.

Diretor da Usina do Gazômetro, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Canoas, RS.

la_capra@hotmail.com

Judite Sanson de Bem

Economista, Pós-doutora em Economia da Cultura, Pós-doutoranda em Geografia UFRGS, Professora do PPG em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle, Canoas, RS.

judite.bem@unilasalle.edu.br

RESUMO: A memória transmite conhecimentos, mas a mesma pode ser herdada, ou vivida por tabela, não se constituindo em uma experiência do grupo o qual nos referimos ou pertencemos. Esta é uma situação que busca incorporar práticas através da repetição. O Caminho do Sol, em São Paulo, surgiu após seu idealizador ter feito uma peregrinação à Santiago de Compostela, no ano de 1996. De lá para cá, gradativamente, foram sendo realizadas atividades e incorporadas referenciais que lembram as mesmas do Caminho Espanhol. O objetivo deste artigo é compreender a relação entre a tradição inventada e a memória enquadrada na construção do Caminho do Sol (localizado no Brasil), tendo como referência o Caminho de Santiago (localizado na Espanha). Metodologicamente a pesquisa, primeiramente é considerada bibliográfica, com revisão de literatura em livros e artigos científicos e, num segundo momento, foram realizadas entrevistas com os hospitaleiros. Conclui-se que no Caminho do Sol há uma convergência dos conceitos de tradição inventada e memória enquadrada: a busca por elementos da peregrinação de Santiago seja em elementos constitutivos; como a presença das hospedagens – por consequência dos hospitaleiros – ou do trajeto em si que busca similaridades geográficas.

PALAVRAS-CHAVE: Memória enquadrada, Tradição inventada, Caminho do Sol, Hospitaleiros

ABSTRACT: Memory transmits knowledge, but it can be inherited, or lived by table, not constituting an experience of the group that we refer to or belong to. This is a situation that seeks to incorporate practices through repetition. The Caminho do Sol, in São Paulo, arose after its founder made a pilgrimage to Santiago de Compostela, in 1996. Since then, activities have been gradually carried out and incorporate references that resemble those of the Spanish Way. The objective of this article is to understand the relationship between the invented tradition and the memory that is part of the construction of the Caminho do Sol (located in Brazil), with reference to the Caminho de Santiago (located in Spain). Methodologically, the research is first considered bibliographical, with literature review in books and scientific articles and, secondly, interviews with the hospitable ones were carried out. It is concluded that in Caminho do Sol there is a convergence of the concepts of invented tradition and framed memory: the search for elements of the pilgrimage of Santiago is in constitutive elements; such as the presence of lodgings - as a consequence of the hospitable ones - or of the route itself seeking geographic similarities.

KEYWORDS: Memory framed, Tradition invented, Caminho do Sol, Hospitallers

1. Introdução

A memória não só transmite conhecimento e significações, como cria significados. Para Izquierdo (1988), a memória é a capacidade de armazenar e evocar informações, é a conservação do passado através de imagens ou representações que podem ser evocadas:

[...] a construção da memória envolve processos que se convencionaram denominar “consolidação”, entendidos tanto no sentido de solidificação de memórias, como no da junção de várias memórias. A reconstrução, que é à base da evocação, e, portanto, o único meio de medir ou determinar se cada memória existe, envolve também processos de consolidação, análogos àqueles desenvolvidos na construção. Izquierdo¹, 1998 (*apud* ROZISKY, 2013).

¹ IZQUIERDO, Ivan. Organização, consolidação, construção e reconstrução da memória. Porto Alegre: UFRGS, s.n.; 1988.

A proposta de memória enquadrada complementa este conceito, apontando que uma memória pode ser “herdada”. Isso significa que experiências vividas pelo grupo que se pertence, foram “vividas por tabela” (POLLACK, 1989).

Para Hobsbawm; Ranger (1984), a idéia de tradição inventada mostra que práticas de natureza ritual ou simbólica teriam por objetivo incorporar determinados valores e comportamentos definidos por meio da repetição, em um processo, a fim de dar continuidade ao passado. Essa não teria, necessariamente, uma origem ancestral em relação a sua execução.

O Caminho do Sol é um percurso de 241 km que se estende de Santana da Parnaíba até Águas de São Pedro, no Estado de São Paulo. Seu fundador, José Palma (2017) salienta que esse percurso nasceu “[...] com o objetivo maior de oferecer aos amantes de caminhadas um ambiente agradável, passando em sua quase totalidade somente por áreas rurais, buscando a introspecção e o despojamento material. No entanto, este percurso buscou referências no Caminho de Santiago de Compostela.

Dessa forma, o problema de pesquisa deste trabalho é buscar respostas ao seguinte questionamento: como o Caminho do Sol, localizado no interior de São Paulo, se constitui como percurso, tendo como referência o Itinerário Cultural Caminho de Santiago?

A presente pesquisa tem como objetivo compreender a relação entre a tradição inventada e a memória enquadrada na construção do Caminho do Sol (localizado no Brasil), tendo como referência o Caminho de Santiago (localizado na Espanha).

A pesquisa se utilizou de uma abordagem qualitativa ao abordar comportamentos e opiniões, e suas relações nos contextos sociais onde os acontecimentos estão inseridos. Quanto à forma de abordagem do objeto, esta pesquisa é exploratória e descritiva, na medida em que pretende dar uma visão geral do tema, oferecer informações e delimitar o assunto que será investigado. A pesquisa descritiva tem o objetivo de conhecer e interpretar fatos reais, constatar suas características, a forma como se constituíram, assim como estabelecer relações entre eles (GIL, 2010).

Em relação aos procedimentos técnicos para coleta de dados, a pesquisa é considerada bibliográfica, com revisão de literatura com base principalmente em livros e artigos científicos (GIL, 2010).

Foram produzidos documentos orais, através de entrevistas semiestruturadas. Conforme Manzini (2004), a entrevista é o método indicado para buscar informações sobre opinião, concepções, expectativa e percepções sobre objetos ou fatos, ou ainda para complementar informações sobre fatos ocorridos.

A amostra foi constituída por conveniência, sendo os elementos escolhidos deliberadamente, seguindo os critérios e julgamentos do pesquisador. A escolha ou seleção dos entrevistados ocorreu com base nas informações disponíveis, considerados como representativos da população.

Como amostra da pesquisa buscou-se o grupo de pessoas envolvidas na execução do Caminho do Sol, especificamente os 12 (doze) hospitaleiros ao longo do trajeto. Contudo, devido a problemas técnicos e disponibilidades dos entrevistados, foram realizadas 9 (nove) entrevistas (entre novembro/2017 e janeiro/2018), abrangendo as seguintes localidades (Quadro 1)

Quadro 1 – Entrevistas realizadas seguindo o percurso do Caminho do Sol

Trajeto	Entrevistas realizadas
Santana da Parnaíba – Pirapora do Bom Jesus	Santana da Parnaíba
Pirapora do Bom Jesus – Cabrerúva	Pirapora do Bom Jesus
Cabreúva – Harás do Mosteiro (Itú)	Harás do Mosteiro (Itú)
Háras do Monsteiro – San Marino (Salto)	Elias Fausto
San Marino (Salto) – Elias Fausto	-
Elias Fausto – Fazenda Milhã (Capivari)	Fazenda Milhã (Capivari)
Fazenda Milhã (Capivari) – Mombuca	Mombuca
Mombuca – Arapongas	Arapongas
Clube Arapongas – Monte Branco	-
Monte Branco – Artemis (Piracicaba)	Artemis (Piracicaba)
Artemis (Piracicaba) – Águas de São Pedro	Águas de São Pedro

Fonte: Produzido pelo autor.

Este artigo se divide em quatro sessões além desta introdução. Na segunda sessão tratar-se-á dos conceitos de memória enquadrada e memória inventada. Posteriormente, na terceira, estão apresentadas algumas características do Caminho do Sol. Na terceira passamos aos resultados das entrevistas para, finalmente tecermos algumas considerações finais e as Referências.

2. Memórias enquadradas e tradições inventadas: aspectos teóricos

2.1. Tradição inventada: o contributo de Hobsbawm e Ranger

Para Hobsbawm e Ranger (1984, p.10) as tradições genuínas são aquelas “[...] que surgiram e que se tornam difíceis de localizar num período limitado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez [...]”, ou seja, inexistindo a possibilidade de saber onde a mesma começou.

A tradição inventada é caracterizada como um conjunto de regras que se estabelecem através da repetição, podendo estas ser de natureza ritual ou simbólica, conseguindo, através dessa repetição, uma continuidade com relação ao passado. “O objetivo e a característica das “tradições”, inclusive das inventadas, é a invariabilidade, práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição.” (HOBSBAWM, RANGER, 1984, p. 13).

Esse conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica, teria por objetivo incorporar determinados valores e comportamentos, definidos por meio da repetição, em um processo de “continuidade em relação ao passado” (HOBSBAWM, RANGER, 1984, p. 22). Via de regra, em um passado histórico apropriado: “[...] as tradições inventadas são altamente aplicáveis no caso de uma inovação histórica comparativamente recente [...]”.

O autor utiliza a expressão “invenção das tradições” a qual, em sentido amplo, inclui tanto as tradições propriamente inventadas e institucionalizadas, quanto aquelas que surgem repentinamente e, da mesma forma, se estabelecem. Essas últimas permanecem, tal como as outras, como se sua origem fosse remota, ainda que durem relativamente pouco. Além disso, o autor também destaca que é relativamente desconhecido o processo pelo qual os complexos simbólicos e rituais são criados, considerando que a invenção de tradições seria um meio de formalização e ritualização, sempre se referindo ao passado, impondo repetição.

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWM; RANGER, 1984, p. 9)

Os autores concluem com algumas considerações sobre o que estes entendem por tradições inventadas:

Elas parecem classificar-se em três categorias superpostas: a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, status ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento. Embora as tradições dos tipos b) e c) tenham sido certamente inventadas (como as que simbolizam a submissão à autoridade na Índia britânica), pode-se partir do pressuposto de que o tipo a) é que prevaleceu, sendo as outras funções tomadas como implícitas ou derivadas de um sentido de identificação com uma “comunidade” e/ou as instituições que a representam, expressam ou simbolizam, tais como a “nação .” (HOBSBAWM; RANGER, 1984, p.17)

Outra ótica de se analisar a memória é a de Michael Pollak com a memória enquadrada em lugar de memória coletiva.

2.2. Memória Enquadrada: Manutenção, Continuidade e Coerência

Michael Pollak (1989, p. 3) propõe que, em vez de se lidar com os fatos sociais como coisas, haja uma inversão: “[...] como os fatos sociais tornam-se coisas, como e por quem são solidificados e dotados de duração e estabilidade”. Assim, o autor adota a ideia de memória enquadrada em lugar de memória coletiva. A memória, “[...] essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar” (POLLAK, 1989, p.7), se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades – partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, famílias, comunidades, nações, categorias profissionais etc.

Como pontua o autor, a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as posições irredutíveis.

Toda organização, empresa ou afim veicula seu próprio passado e a imagem que forjou de si mesma. “O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e de grupo” (POLLAK, 1989, p.15). Este trabalho de enquadramento conta com a colaboração de atores profissionalizados, profissionais da história, e de

representantes instituídas por elas ou por seus pares, os guardiões “oficiais” desta história.

Pollak (1992) observa que a memória, seja ela individual ou coletiva, tem como elementos constitutivos acontecimentos, pessoas e lugares. As experiências são as vividas pessoalmente e ainda àquelas que, não vivenciadas particularmente por nós, foram vivenciadas pelo grupo a que se pertence. Assim, foram vividos por tabela, resultando numa memória “herdada”. Ele ainda ressalta que a memória não se resume à vida de uma pessoa, mas também é uma construção coletiva, um fenômeno construído, organizada a partir do presente e, em parte, herdada.

Percebe-se neste ponto a proximidade deste conceito com o trazido por Joël Candau (2011, p. 24): “[...] um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros do grupo”.

Neste aspecto, Pollak (1992, p.5) completa: “[...] quando se trata da memória herdada, pode-se dizer que há uma relação de proximidade entre a memória e o sentimento de identidade”, entendida aqui como a imagem que se constrói e se apresenta a si próprio e aos outros, a maneira como se quer ser percebido

Assim, a memória é um elemento que compõe a própria ideia de identidade, seja individual ou coletiva, na medida em que ela é também um fator do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992).

Neste ponto, Candau (2011) faz uma ressalva: a existência de atos de memória coletiva não é suficiente para atestar a realidade de uma memória coletiva. Um grupo pode ter os mesmos marcos memoriais sem que tenha compartilhado as mesmas representações do passado.

Pois, se a memória é um fenômeno construído individual e socialmente e o outro indivíduo faz parte desta construção, é natural o conflito entre a memória individual e a memória alheia. Assim “a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos” (POLLAK, 1992, p.5).

Para o autor a memória é um fenômeno construído e explica: “quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes ou inconscientes” (POLLAK, 1992, p. 4-5).

A respeito da memória de grupos, Pollak (1992) propõe a introdução do conceito de enquadramento de memória e há três elementos que servem de apoio à memória: pessoas, acontecimentos e lugares. As experiências vividas neste contexto passarão a

integrar um “fundo comum cultural” elemento unificador dos diferentes aspectos que constituem uma pessoa ou um grupo.

Esse “enquadramento” da memória, além de servir como um referencial do passado evidencia a disputa em torno da memória, bem como revela uma forma de manter a coesão dos grupos sociais. O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material oferecido pela história. Esse material pode ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas, guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las:

[...] cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização. (POLLAK, 1989, p.7)

Candau (2011) afirma que há uma relação direta entre identidade e memória. Nesse sentido, a memória modela as pessoas e também é modelada por elas. Assim, parece corresponder (pelo menos em parte) à proposta de uma memória enquadrada, segundo Pollak (1989), de que uma memória pode ser “herdada”, vivida por tabela. Segundo Hobsbaw; Ranger (1984) seria essa vivência herdada ou essa tradição inventada que atua na perpetuação de um passado (que pode não ter sido vivido de fato), por meio de repetições ritualísticas e simbólicas,

A ideia de que é possível inventar uma tradição ou revivificá-la em outro contexto e lugar e se utilizar de um conjunto de memórias não vividas, ou herdadas a fim de que haja coesão em sua proposição, parece contribuir para objetivo fim de nossa pesquisa, que é compreender se é possível constituir um percurso, com regras e símbolos que mimetizem outro.

3. O Caminho do Sol: uma experiência em construção

O Caminho do Sol, São Paulo, passa por 11 localidades e tem sua fundação datada de 25 de julho de 2010. Essa data não é uma coincidência, pois esse é o dia dedicado ao apóstolo Tiago, mais conhecido pelo seu nome ibérico: Santiago. A figura 1 apresenta uma visão parcial do Caminho do Sol.

Figura 1 – Percurso do Caminho do Sol de Santana da Parnaíba à Águas de São Pedro



Fonte: <http://www.caminhodosol.org.br/post.aspx?id=16>

O dia 25 de julho é também a data de emancipação da cidade de Águas de São Pedro, cidade essa que é o destino final do trajeto que, segundo seu idealizador, “tem a geografia da Galizia²”.

Foi nesta cidade, ao fim do trajeto, que uma imagem de Santiago, trazida da Espanha, foi depositada no centro do Horto Municipal, marcando o fim do percurso. Essa, entre outras referências, traz a percepção de que o Caminho do Sol tem como ponto de referência o milenar Caminho de Santiago, na Espanha.

Quanto ao Caminho de Santiago, esse se refere ao trajeto percorrido pelos peregrinos que afluem à Santiago de Compostela, desde o século IX, para venerar as relíquias do apóstolo Santiago Maior, cujo suposto sepulcro se encontra na catedral de Santiago de Compostela (GOMES, 2012). A peregrinação à Compostela foi uma das três grandes rotas da Europa medieval, juntando-se a ela a Via *Romea Francigena* (com destino a Roma) e a de Jerusalém, sendo concedida indulgência plena àqueles que as fizessem.

Em relação ao número de caminhantes, o Caminho do Sol recebe, em média, cerca de 800 pessoas ao ano, tendo recebido em torno de 15.000 pessoas desde a sua abertura³.

Dias; Silveira (2003) descreve as referências à Santiago de Compostela no momento de abertura do Caminho do Sol. Reforça a ideia de que, para que haja um novo “Caminho” deve haver referência à tradição (neste caso representado pela imagem do Santo):

² Galiza é uma unidade administrativa do território espanhol. Compreende cerca de 30.000m² e é onde está a Catedral de Santiago de Compostela.

³ Dados fornecidos pela organização do Caminho do Sol.

Por exemplo, no Caminho do Sol foi trazida uma imagem de Santiago, da Espanha, que foi “entronizada” no horto florestal da cidade, local final da peregrinação, doado por um dos hospitaleiros (...) poderíamos dizer que se objetivava construir a idéia da chegada a um lócus sagrado, como seria o caso da peregrinação a Santiago, cujo objetivo é chegar na catedral de Santiago de Compostela. (DIAS; SILVEIRA, 2003, p.115)

Santos e Fagliari (2003) reforçam a ideia de Dias; Silveira (2003) e apontam que, no caso do Caminho do Sol, a interferência humana foi premeditada, pois a Casa de Santiago foi implantada em função da criação do caminho.

Na busca por esta compreensão foram entrevistados os hospitaleiros buscando respostas que confirmassem ou não que a construção do Caminho do Sol baseou-se nas memórias inventadas ou enquadradas de Santiago de Compostela.

4. Análise dos dados

Dentre os 9 (nove) respondentes, 5 (cinco) são do sexo masculino e 4 (quatro) são do sexo feminino. A maioria dos entrevistados, 7 (sete) possui ensino superior, com as mais diferentes ocupações profissionais. A renda média declarada está entre R\$ 3.691,00 a R\$ 6.150,00.

O idealizador do Caminho do Sol salienta que a idéia de montar um Caminho no Brasil surgiu após a sua peregrinação à Santiago de Compostela, no ano de 1996. Relembra que o impacto da experiência foi muito forte e que “[...] de 1996 a 2001 eu fiquei imaginando o que eu poderia fazer.” Reforça que em 2001, em um encontro internacional de peregrinos na cidade de Salvador (BA)⁴ foi encorajado pelos participantes, inclusive por hospitaleiros espanhóis do Caminho de Santiago, a montar um trajeto no Brasil:

Dia primeiro de dezembro de 2001 eu recebi os hospitaleiros do Caminho de Santiago, que estavam aqui no Brasil, mais uma série de peregrinos de Fortaleza e fizemos então o lançamento da pedra fundamental da casa de Santiago. E sete meses depois em cheguei em São Pedro com a imagem de

⁴ Promovido pela Associação Bahiana de Amigos do Caminho de Santiago.

Santiago, que eu fui buscar na Espanha, e inaugurando o Caminho do Sol.

(ENTREVISTADO A)

A data de inauguração é coincidentemente importante por dois motivos: 25 de julho é o dia dedicado ao apostolo Tiago (Santiago) e dia de fundação da cidade de Águas de São Pedro (25 de julho de 1940), cidade essa que é o ponto final do trajeto.

Questionou-se aos entrevistados se o local, para recepção de peregrinos, é anterior ou posterior à abertura do Caminho do Sol.

Alguns entrevistados responderam que seus estabelecimentos são anteriores a existência do Caminho.

O entrevistado que vamos denominar de “C”⁵ complementa: “[...] minha pousada é bem mais antiga [...] vem de pai para filho, ela já tem mais de 100 anos [...] Era do meu avô, depois ficou para os meus pais, depois ficou arrendada por 15 anos e depois voltou pra família, comigo”. Este aponta para a tradição de romarias para Aparecida (SP) e Pirapora do Bom Jesus (SP).

Reforçando esta idéia, o entrevistado ora denominado “A” chama a atenção para o caráter empresarial da proposta do Caminho do Sol:

[...] o Caminho do Sol é uma empresa. Por quê? Porque eu recebo o dinheiro das inscrições para manter o caminho, eu tenho que ter funcionários registrados, enfim. É uma coisa normal. Mesmo não sendo uma coisa que vise lucro, mas existe uma atração comercial. A empresa é simples, muito mais fácil de você administrar entrada e saída. (ENTREVISTADO A)

Em oposição aos anteriores, os entrevistados “F”, “G”, “H” e “I” registram que passaram a existir como local de recepção, após a formalização do Caminho do Sol. São exclusivos ao atendimento dos caminhantes do Sol.

O entrevistado “A” conclui: “[...] portanto, das 11 pousadas, só existia Santana do Parnaíba, Pirapora, Cabreúva e Elias Fausto. As outras seis foram criadas”.

A seguir, as questões procuraram compreender como os agentes do Caminho, em específico seus hospitaleiros, explicam sua idealização.

Quando questionados se conheciam outros trajetos de caminhadas os entrevistados foram unânimes em apontar seu conhecimento e muitos já haviam

⁵ Com o objetivo de não identificar os entrevistados optou-se por nominar os mesmos por ordem alfabética.

percorrido algum trajeto, como romarias, especialmente às destinadas a Aparecida e Pirapora do Bom Jesus.

“C” aponta que conhece, mas nunca percorreu nenhum. Destaca alguns trajetos: “[...] conheço o Caminho da Fé, Caminho das Missões do Sul, conheço Caminho do Ouro, conheço Compostela, enfim, conheço”. Enquanto isto o entrevistado “E” aponta que, em 2000, percorreu o Caminho de Santiago de bicicleta. Há um entrevistado que assinala que fizera:

Trechos de alguns outros caminhos, trechinhos de Santiago, da trilha Inca, fiz algumas trilhas nos Estados Unidos, no Park Yellowstone e tem outros parques dos Estados Unidos que eu já fiz algumas trilhas. E alguns trechos do Caminho do Sol também. (ENTREVISTADO F)

De todos os entrevistados “G” é o mais experiente em caminhadas. Possui um grande número de trajetos percorridos.

Se eu já percorri algum trajeto do Caminho do Sol? Sim já. Eu tenho vários. Todos os anos. Vou ver se consigo me lembrar. Tá. Vamos anotando? Então assim: Caminho da Paz, na Bahia; Caminho da Luz, Minas Gerais; Caminho da Fé, Minas Gerais/São Paulo; Caminho do encontro, São Paulo; Caminho dos Anjos, Minhas Gerais. Caminho do Sol, São Paulo. Caminho das Missões, Rio Grande do Sul. Caminho Circuito do vale europeu, Santa Catariana. Caminho dos Jesuítas, São Paulo. Estrada Real, em Minas, São Paulo e Rio de Janeiro. Acho que só isso [...] e várias trilhas. (ENTREVISTADO G)

A entrevistada “I” destaca:

Eu já ouvi falar, nunca participei e nunca fiz, eu tenho muita vontade de fazer, mas eu nunca fiz. Mas eu já ouvi falar de Santiago, do Caminho da Fé e de vários outros caminhos. E o Caminho do Sol eu tenho muita vontade de fazer todo, eu não fiz ainda por falta de tempo. (ENTREVISTADO I)

Os albergueiros foram questionados se outras experiências de caminhada serviram de base para montar a proposta do Caminho do Sol. E, se positivo, o que poderiam destacar como ponto de convergência.

Na primeira parte da questão pode-se dizer que há uma posição bem definida das origens do Caminho do Sol: Santiago de Compostela é o modelo fundador. Contudo, na

segunda parte da questão surgiram diferentes linhas de raciocínio, com respostas diversas.

O entrevistado “B” é categórico: “[...] quem montou o Caminho fez o Caminho de Santiago, que foi o modelo [...]. Do mesmo modo o entrevistado “H”: “O Caminho do Sol é assim, ele foi criado para ser uma **réplica do Caminho de Santiago**” – **grifo nosso**.

“C” corrobora a informação: “Sim, foi baseado em Compostela que o Palma montou o Caminho do Sol. A idéia surgiu depois de Compostela” e, questionado sobre uma possível convergência, traz dados sobre o modelo de hospedagem:

[...] desde a convivência com os hospitaleiros lá. E ele fez uma pesquisa de rota que foi complicado de fazer, porque ele quis se basear, ele quis que o Caminho do Sol, e é, uma réplica pequena de Compostela, seria um preparo para Compostela e outras caminhadas. Então o Palma foi fundo nisso, ele pesquisou, conviveu com os hospitaleiros, até trouxe um hospitaleiro para cá, depois de montado o caminho, eles fizeram o Caminho do Sol, pra ter um contato como se fosse um filho de Compostela. (ENTREVISTADO C)

O entrevistado “D” corrobora a opinião dos anteriores e destaca: “[...] é importante dizer que o idealizador trouxe o projeto pronto quando ele me procurou para ser a hospedeira e hospedar os peregrinos do Caminho do Sol”. Aponta, em sua percepção, o objetivo do caminho em si: “[...] para terem a oportunidade de vivenciar um pouco do que se vive naquele caminho longo e extenso”. Fala semelhante tem “I”: “O Palma se baseou mais em Santiago e nas outras experiências que ele já tinha e ele foi idealizador e ele falou a proposta para nós, mostrou a proposta, e tudo o mais [...]”.

“D” acredita que a experiência trazida de Santiago é acima de tudo espiritual. Um estado de espírito.

“E” reforça a inspiração de Santiago e aponta que:

Ele (entrevistado “A”) se inspirou no caminho de Santiago de Compostela quando lá ele (entrevistado A⁶) ganhou uma **escultura de Santiago**, ele trouxa para cá, então ele é o idealizador e eu vejo que sim, foi feito aos moldes do caminho de Santiago. (ENTREVISTADO E). Grifo **noso**.

⁶ O entrevistado “A” relembra que o presente (a imagem de Santiago em pedra), foi presente do hospitaleiro espanhol Jesus Rato.

O entrevistado “F” confirma a proximidade das propostas e traz uma informação relevante sobre a diferença dos modelos: “Só que aqui ao invés de se terem coisas municipais, eram coisas particulares, propriedades particulares que se propuseram a receber os peregrinos do Caminho do Sol.”

E complementa, descrevendo o papel do hospitaleiro do Caminho do Sol e a influência da experiência de Santiago neste formato:

A ideia é que o hospitaleiro seria uma pessoa que iria fraternalmente receber as pessoas, que haveria um tipo de habitação bastante simples em beliches, semelhante como é em Santiago, e a diferença é que aqui quando se está na área rural, a pessoa, o hospitaleiro teria que fornecer a comida, além de hospedagem, para os peregrinos, porque eles não têm um outro lugar para comer aqui do lado, diferente de Santiago que fica em cidadezinhas. Mas a ideia do sentimento, da maneira de receber, dos abraços, das festas vieram todas do caminho de Santiago. (ENTREVISTADO F). Grifo nosso.

“A” complementa esta ideia, reforçando o que mais aproxima ambas as experiências de caminhada, Caminho de Santiago e do Sol:

No Caminho do Sol eu procurei exatamente isso para manter a simplicidade, os ambientes coletivos. Exatamente o que a riqueza do Caminho de Santiago está na convivência com as pessoas, está no compartilhar, [...] lá, lavando a minha roupa, aqui a gente lava a roupa, lá eu dormia em beliche, aqui a gente dorme em beliche. Lá, não tinha quarto privado, era coletivo, aqui também é coletivo. Os banheiros lá eram coletivos, aqui também são coletivos. Então assim tudo que eu vi no Caminho de Santiago, eu procurei retratar aqui.” (ENTREVISTADO A). Grifo nosso

O entrevistado “G” resgata a estatua trazida da Espanha: “A imagem, verdadeira, do final do caminho que veio de Santiago, dada por um hospitaleiro de Santiago”, como já apontado pelo entrevistado “E”. Contudo seu foco é no Caminho do Sol como trajeto de preparação para Santiago:

Olha [...] aqui nós temos a altimetria, muito similar. Alguns albergues lembrariam Santiago [...] um caminho onde a gente pudesse se preparar ir à Santiago. Então a ideia dele seria montar algo que as pessoas pudessem aproveitar estão aqui em seu próprio país e se preparando. Treinando para ir para Santiago. (ENTREVISTADO E)

O entrevistado “A” aponta esta similaridade geográfica em sua fala:

[...] da minha casa eu olhava toda a Serra de São Pedro. E a impressão que eu estava é que eu estava na Galícia: verde, a topografia [...]. E eu falei: “[...] puxa, vou fazer um caminho aqui em Águas de São Pedro.

(ENTREVISTADO A)

Desta forma, os albergueiros afirmam e reafirmam que o Caminho do Sol é uma proposta realizada com base em uma memória, memória esta individual que se transforma em memória inventada, pois a maior parte dos atores desconhece o trajeto que lhe deu origem: Santiago de Compostela.

Considerações Finais

No Brasil há diferentes Caminhos, podendo-se citar o Caminho do Sol como um trajeto localizado no interior do estado de São Paulo, entre as cidades de Santana da Parnaíba e Águas de São Pedro.

Este artigo buscou evidenciar que o Caminho de Santiago de Compostela foi fundamental na constituição do Caminho do Sol (Brasil), sendo o primeiro considerado um modelo que foi seguido por seu idealizador e pelos demais gestores, albergueiros ou hospitaleiros.

Os hospitaleiros são um grupo heterogêneo, composto por homens e mulheres de diferentes extratos de renda e formação, cujo ponto comum entre todos é a participação como ator no Caminho do Sol. Tais atores explicam a idealização Caminho do Sol, através de duas situações complementares: primeiro, da relação entre o idealizador e a ideia, ou seja, o Caminho do Sol nasce da ideia de um peregrino de Santiago que busca trazer a experiência da caminhada para o Brasil após ter passado pela experiência na Europa. Em segundo lugar, complementando a primeira conclusão da pesquisa, o que dá coesão ao grupo, e por consequência o “caminho” é a presença do idealizar como o ponto central da ação.

Neste ponto há uma convergência dos conceitos de tradição inventada e memória enquadrada: a busca por elementos da peregrinação de Santiago seja em elementos constitutivos; como a presença das hospedagens ou do trajeto em si que busca similaridades geográficas.

Isso nos leva a verificar como ocorre a manutenção da memória entre os agentes do Caminho do Sol, o da memória enquadrada. Percebemos ao longo das entrevistas que há algum conhecimento de trajetos de caminhada. Alguns entrevistados chegam a citar exemplos e 1 (um) deles percorreu mais de um caminho. Na busca de um ponto comum entre os entrevistados parece estar claro que a ideia da caminhada e do albergue de Santiago é estabelecida pela visão do organizador. Uma memória que é repassada aos demais e que estabelece, entre outras coisas, o *mudus operendi* dos fazeres do Caminho do Sol, representado pelo “manual” referido nas entrevistas. É pela fala e pelo olhar do idealizador que a “memória Santiago” chega aos demais integrantes.

Sendo assim, cria-se uma dupla percepção da imagem de Santiago: está mais presente na figura do proponente do Caminho do Sol, seu idealizador, e na do indivíduo que procura a experiência no Brasil, seja para recordar o já vivido em Santiago (memória), seja para se preparar para uma futura viagem.

Assim, conclui-se que a ideia que o “Caminho de Santiago” parece trazer é de um modelo de “como fazer”.

Referências

- CAMINHO DO SOL. Disponível em:
<http://www.caminhodosol.org.br/post.aspx?id=16>.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- DIAS, Reinaldo; SILVEIRA, Emerson J. S. da. *Turismo religioso: ensaios e reflexões*. Campinas: Alínea, 2003.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5^a Ed. São Paulo: Atlas, 2010
- GOMES, Leandro Eustáquio. *Olhares sobre o património: uma etnografia do Caminho de Santiago Português*. 2012. 114 f. Dissertação do programa de Mestrado em Antropologia Social e Cultural do Departamento de Ciências da Vida, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2012. Disponível em:
<https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/25954/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Leandro%20Gomes.pdf>. Acesso: 24/11/ 2017.

- GOMES, R. Analise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- IZQUIERDO, Ivan. *Organização, consolidação, construção e reconstrução da memória*. Porto Alegre: UFRGS, s.n; 1988.
- MANZINI, E. J. *Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2004, Bauru. Anais.... Bauru: USC, 2004. v. 1. p. 01-10. 1 CD
- PALMA, José. *Viva a experiência do Caminho do Sol*. Disponível em: <http://caminhodosol.org.br/historia.aspx> . Acesso em: 05/07/2017.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.
- _____. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.
- ROZISKY, Cristina Jeannes: A memória do patrimônio. In *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, Septiembre 2013. Disponível em: www.eumed.net/rev/cccss/25/bens-culturais.html. Acesso em: 26/04/ 2017.
- SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira; FAGLIARI, Gabriela Scuta. Peregrinação e Turismo: as novas rotas “religiosas” do Brasil. In: *Turismo - Visão e Ação* – v.5 - n.1 - jan/abr. p.39-51, 2003. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/1152> Acesso em: 29/07/2017.